

**AUTORIA FEMININA NA
AMAZÔNIA LEGAL
MEMÓRIA E ESPAÇO NA
CONSTRUÇÃO DA POÉTICA
DE “NO QUINTAL”, DE
LUCIENE CARVALHO, E
“FALSETE”, DE MICHELLE
MOR**

*FEMALE AUTHORSHIP IN THE
LEGAL AMAZONIA
MEMORY AND SPACE IN THE
CONSTRUCTION OF THE
POETICS OF “IN THE YARD”
BY LUCIENE CARVALHO AND
“FALSETE” BY MICHELLE MOR*

**Jocineide Catarina Maciel de Souza¹
Walnice Vilalva²
Agnaldo Rodrigues da Silva³**

1 Doutoranda 2021/1, com o Projeto de Pesquisa “Os Quintais como Metáfora de Memória, Identidade e Cultura na Tecitura da Narrativa Oral dos Quilombolas Pita Canudos em Cáceres/MT”, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL-UNEMAT. Bolsista CAPES/ Edital 013/Amazônia Legal/2020.

2 Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2004), com pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários e coordenadora do Núcleo Wladimir Dias-Pino. Atualmente, exerce novamente a função de coordenadora do PPGEL (gestão 2020-2023).

3 Doutor e mestre em Letras (Literatura) pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente, exerce a função de Assessor de Gestão de Pós-Graduação da UNEMAT. Sócio efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (mestrado e doutorado) da UNEMAT.

RESUMO: Uma parte da produção literária da Amazônia Legal é apresentada por Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas, Hilda Gomes Dutra Magalhães, e provoca muitas inquietações no que tange ao processo de seleção, recorte temporal e estético dos autores que compõem em Mato Grosso. Para contribuir com os estudos contemporâneos sobre a produção lírica feminina, é que propomos trabalhar com Luciene Carvalho e Michelle Mor, que lado a lado ampliam ainda mais essa responsabilidade, haja vista o percurso de produção das duas escritoras. Luciene Carvalho comemorou 25 anos de produção literária em 2021, enquanto Michelle Mor tem suas produções divulgadas em seu blog e coletâneas. Para estabelecer o diálogo na perspectiva analítica literária, trabalharemos com os poemas: “Falsete”, de Michelle Mor (2015), publicado em seu blog e no e-book *Escrevivência Poética e da Cultura Alimentar das Mulheres Negras, Pantaneiras, Ribeirinhas e Quilombolas de Cáceres/MT* (SILVA et al., 2021) e “No quintal”, de Luciene Carvalho, que faz parte do *Calendário Poético Quitutes e Quintais* (CARVALHO, 2017), disponível no mês de julho. O objetivo principal é apresentar a construção estética dos poemas visando destacar as singularidades de cada um no cantar o local (espaços geográficos, espaços históricos, espaços imaginários) frente às consideráveis aparições de signos e de imagens que remetem a tempos inscritos pela memória. Nesse sentido, o ponto de intersecção entre os dois textos será essa relação espaço-temporal que desperta os saberes da ancestralidade e os resquícios configurados pela escravização. Assim, apresentaremos os espaços coletivos pelo viés da memória que denuncia e constitui a identidade do eu-lírico nos espaços em que se circunscrevem.

Palavras-chave: Amazônia Legal; território; quilombo; quintal; memória.

ABSTRACT: A part of the literary production of the Legal Amazon is presented by Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas, Hilda Gomes Dutra Magalhães, and causes many concerns regarding the selection process, temporal and aesthetic aspects of the authors who compose in Mato Grosso. To contribute to contemporary

studies on female lyrical production, we propose to work with Luciene Carvalho and Michelle Mor, who side by side expand this responsibility even further, given the production path of the two writers. Luciene Carvalho celebrated 25 years of literary production in 2021, while Michelle Mor has her productions published on her blog and compilations. To establish the dialogue in the literary analytical perspective, we will work with the poems: *Falsete* by Michelle Mor (2015), published in her blog and e-book *Writing Poetics and Food Culture of Black Women, Pantaneiras, Ribeirinhas and Quilombolas from Cáceres/MT* (SILVA *et al.*, 2021) and *In the Backyard*, by Luciene Carvalho, which is part of the *Poetic Calendar Quitutes e Quintais* (CARVALHO, 2017), available in July. The main objective is to present the aesthetic construction of the poems aiming to highlight the singularities of each one in singing the place (geographical spaces, historical spaces, imaginary spaces) in face of the considerable appearances of signs and images that refer to times inscribed in memory. In this sense, the intersection point between the two texts will be this space-time relationship that awakens the knowledge of ancestry and the remnants configured by enslavement. Thus, we will present collective spaces from the perspective of memory that denounces and constitutes the identity of the lyrical self in the spaces in which they are circumscribed.

Keywords: Legal Amazon; territory; quilombo; backyard; memory.

É possível abordar a produção literária de autoria feminina na região da Amazônia Legal⁴ em um artigo científico? Se formos

4 De acordo com IBGE “A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM delimitada em consonância ao *Art. 2º da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007*. A região é composta por 772 municípios distribuídos da seguinte forma: 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44º, dos quais, 21 deles, estão parcialmente integrados na Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,75 km², correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro”. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 20 mar. 2022.

pensar na extensão territorial, todos os municípios que compõem esse território e suas produções literárias, certamente a resposta seria *não*. Nesse texto, pretende-se observar mais de perto a produção literária em Mato Grosso; sobretudo com base em um processo de sistematização que se iniciou no século XX, com o historiador Rubens de Mendonça (2005) que, dentre os cronistas, prosadores, trovadores e poetas, menciona Maria Úrsula dos Santos Costa, Maria Dimpina Lobo Duarte, D. Maria de Arruda Mulher, Vera Iolanda Randazzo e Amália Verlangière (sendo que as duas primeiras mencionadas e adjetivadas fogem, porém, da estrutura de proeminência adotada na história da literatura, em que ele apresentava destacando o nome em negrito com comentários e dados biográficos). Lenine Póvoas (1994) acrescenta aos nomes já mencionados Guilhermina de Figueiredo. Hilda Gomes Dutra Magalhães também faz referência às escritoras citadas anteriormente e menciona Arlinda Morbeck, Maria Amélia, Tereza Albues, Hilda Gomes Dutra Magalhães, Marilza Ribeiro, Inez Ethne, Wanda Cecília, Maria das Graças Campos, Lucinda Persona, Edna Capocci, Erotildes da Silva Millomem e Dunga Rodrigues. Atualmente, para discutir sobre a produção literária produzida por mulheres em Mato Grosso, é necessário percorrer os estudos de Olga Maria Castrillon-Mendes (2020) em *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários*, que traz à tona alguns nomes já conhecidos, como Cristina Campos, Marília Beatriz, Lucinda Persona, Luciene Carvalho, Marta Cocco, e outros não tão conhecidos, como é o caso de Marta Baptista. Outro estudo basilar para quem se interessar em estudar a literatura produzida no estado por mulheres foi realizado por Marli Walker (2021), *Mulheres silenciadas e vozes esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso*. Mesmo com todos os esforços de estabelecer o percurso dessa produção, há várias lacunas. Nesse sentido, Souza (2014, p. 11) salienta que

Com base nos pressupostos de Chartier, podemos refletir sobre a proximidade da inscrição e do apagamento, sendo esse duelo constante na história literária. Considerando que toda história da literatura, independentemente do método de abordagem, é uma seleção, ao escrevê-la, inscrevê-la, nasce o apagamento de outras.

Dessa forma,

[...] embora temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para memória. Nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história. (CHARTIER, 2007, p. 9 *apud* SOUZA, 2014, p. 11).

Ao lançar nossos olhares para as produções literárias que, de alguma maneira, foram acopladas ao apagamento/esquecimento nesse processo de sistematização, questionamos a representação das mulheres, em especial da mulher negra, inseridas na produção literária de Mato Grosso, para em seguida realizarmos um diálogo analítico dos poemas “Falsete” e “No Quintal”.

Os poemas “Falsete” (MOR, 2015) e “No quintal” (CARVALHO, 2017) apresentam uma estrutura formal diferenciada, embora os dois sejam escritos em versos livres. O primeiro trata-se de um poema composto por oito estrofes, formadas de três versos cada uma, enquanto o segundo poema é escrito em uma única estrofe de 23 versos. Nos dois textos, a temática de espaço territorial e da memória são explícitos, e em cada um dos poemas notam-se diferentes formas de resistências. Para tanto, vamos olhar para esse espaço não somente como um espaço geográfico, vamos direcioná-lo como animador da memória, conforme aponta Bachelard (1993, p. 28-29):

Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não mais anima a memória. A memória — coisa estranha! — não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados por longas permanências.

As reflexões apontadas por Bachelard (1993) também podem ser pontos de análise nos poemas, pois os espaços circunscritos nos poemas igualmente são os elementos que animam a memória do

eu-lírico, a iniciar do indivíduo até chegar na memória coletiva, seja ela familiar ou de uma comunidade tradicional mais quilombola.

Luciene Carvalho é uma escritora que tem como profissão sua vida artística: é membra da Academia Mato-Grossense de Letras e acumula em sua história dezenas de livros publicados, sendo o último livro intitulado *Na Pele*, publicado em 2020. Sobre essa última publicação, vale ressaltar que, nela, a poeta retoma as formas de resistência do corpo negro em suas variadas formas de existência, conforme apontam Maria Elizabete do Nascimento Oliveira e Gilmar Leite Ferreira no texto intitulado “*Na Pele*, de Luciene Carvalho (2020): As Pulsações Poéticas de um Corpo Negro, Arteiro e Fecundo” (OLIVEIRA; FERREIRA, 2020), publicado na Revista Athena.

Michelle de Moraes Plínio Reis, jovem líder do quilombo Pita Canudo, tem como principal meio de difusão de sua escrita as redes sociais e, em especial, seu blog, nomeado Michelle Mor. Participou em 2020 de um concurso literário promovido pelo Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres, e o poema “Falsete” foi selecionado para compor uma coletânea de poemas produzidos por mulheres negras, pantaneiras, indígenas e quilombolas em 2021 (MORAES, 2021).

Selecionar essas duas poetisas também é uma forma de tensionar a contemporaneidade da produção literária que, pela facilidade digital hoje disponibilizada, permite-nos aproximar diferentes gerações de escritoras, principalmente neste momento pandêmico em que estamos vivendo com a Covid-19. Segundo Freitas (2016, p. 64),

A poesia pós-moderna é o espetáculo de si mesma, permitindo que o leitor vivencie o processo de criação, por autorreferência, confissão sentimental, de modo a colocar o leitor a participar. É uma lírica multiformal que não procura grandes recursos ou formas de ruptura, ao contrário da poesia de vanguarda e da modernista propriamente dita. Exige do leitor aproximação e participação compreensivas do sujeito histórico para, de forma imediatista, imergir na estrutura estética proposta.

O processo de escolha e seleção das autoras foi realizado por esse viés, pela aproximação e ao mesmo tempo pela autorreferência das produções.

O eco de um Falsete: Michele Mor

Falsete

Chora cabocla Maria! Chora o negro João!
Choram a perda do filho, da esposa e do irmão!
Mortos na luta de resistência de nossa expulsão.

Torturam criança! Estupraram mulher!
Sumiram com os jovens de boa fé!
Destruíram as plantações de banana e café

Foram os grileiros! Denunciamos a justiça!
E eles com dinheiro corromperam arbítrio
mundiça!
Mas não o “grito” de gente digna que clama
justiça.

Desmataram as florestas! Secaram as nascentes!
Vivem ameaçando de morte nossos
remanescentes!
Pensando com isso intimidar e tirar a esperança
da gente.

Águas Milagrosas, Morro das Araras e Gruta do
Quilombo!
Exploram nossas terras dizendo ser deles o
patrimônio cultural!
e ainda ganham dinheiro com nossas histórias!
nossos mitombos!

E por muito tempo aquela “máscara” de sucesso
aparente!
Esconderam o podre de alguns da “alta
sociedade” Cacerense!
Que ficaram ricos à custa do derramamento de
sangue inocente!

E não adianta “doutor” querer me censurar e a
força me calar!
Pois em rimas, prosas e versos a **história** certa
eu vou contar!
e não a demagogia contada nos livros do ensino
escolar.

Essa sinfonia de um concerto esganiçado no falsete!
Que vem sustentando a muito e a muitos, os interesses!
De quem “varreu” essa grande sujeira pra debaixo do tapete.
(MOR, 2015, grifo dos autores).

O termo falsete deriva do italiano *falsetto* e, de acordo com o dicionário Aurélio, significa “registro vocal ou voz mais aguda que a normal; aquele que usa a voz para cantar”.

Na primeira estrofe, deparamo-nos com um eu-lírico que lamenta a dor causada por uma mudança de vida, porém é apenas na segunda estrofe que o leitor tem conhecimento das dores que provocam o choro na primeira estrofe. Os verbos “torturam”, “estupraram”, “sumiram” e “destruíram” apontam as violências geradoras das dores da cabocla Maria e do negro João. Os adjetivos “cabocla” e “negro” estabelecem no início do poema o grupo étnico de quilombolas ao qual esse eu-lírico pertence e, na segunda estrofe, já é possível perceber a relação do choro com a questão territorial, ao se referir à destruição das plantações de banana e café.

Chora cabocla Maria! Chora o negro João!
Choram a perda do filho, da esposa e do irmão!
Mortos na luta de resistência de nossa expulsão.

Torturam criança! Estupraram mulher!
Sumiram com os jovens de boa fé!
Destruíram as plantações de banana e café.

Para entender a construção estética do primeiro verso, é necessário ressaltar que, em Mato Grosso, o período de colonização não se difere de outras regiões do Brasil, com numerosas quantidades de quilombos, no tempo da escravização legalizada. Pita Canudos é composto por escravizados que fugiam para regiões de florestas e se organizavam para sobreviver.

[...] Por meio do exercício da antiga sabedoria dos oprimidos, de que se “deus é grande, o mato é ainda maior”, procuravam formar uma comunidade de produtores livres em um espaço

geográfico e social, que por suas características, estivesse longe do braço pesado do escravista. (FIABANI, 2012, p. 11).

Nesse sentido, ao fazer uso do termo quilombo, a referência será desse espaço repleto de diversos saberes e culturas que ocupam espaços estratégicos para construção de resistência e sobrevivência. O termo cabocla, substantivo feminino de caboclo, “tupikara’iwa”, é de origem indígena e, dentre as várias significações, temos pessoas descendentes do índio com o branco, como também pode se referir a pessoas negras de cabelos lisos e, em amplitude de grupos sociais, representa grupos de pessoas miscigenadas que têm por hábito uma vida mais afastada dos grandes centros, geralmente se organizando em ambientes rurais.

Ao evocar no poema o choro da cabocla e do negro, percebemos uma apresentação dos pilares que formam a ancestralidade por meio do pranto desses grupos organizados em seus territórios para poder escapar das perversidades da escravização nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. Ao lermos esses versos, é possível visualizar o cenário em que essa dor se instaura e se materializa no choro desses grupos sociais.

Os causadores da dor e do lamento são os grileiros e a própria justiça, conforme o verso “/ Foram os grileiros! Denunciamos a justiça! /”. A invasão dos territórios tradicionais e a falta de políticas públicas desencadeiam uma série de problemas sociais e ambientais, “/Destruíram as plantações de banana e café. / Desmataram as florestas! Secaram as nascentes! /”, porque, à medida que o ser humano é afetado com os diversos tipos de violência, a natureza também sofre as consequências com o desmatamento e a seca das nascentes; esses elementos apontam a unicidade entre os quilombos e a terra. Há uma gradação, no nível das violências elencadas no poema, física, moral, territorial, ambiental, social.

Águas Milagrosas, Morro das Araras e Gruta do
Quilombo!
Exploram nossas terras dizendo ser deles o
patrimônio cultural!
e ainda ganham dinheiro com nossas histórias!
nossos mitombos!

E por muito tempo aquela “máscara” de sucesso aparente!
Esconderam o podre de alguns da “alta sociedade” Cacerense!
Que ficaram ricos à custa do derramamento de sangue inocente!

Para além do sofrimento da destituição de seu território, o eu-lírico evidencia apropriação do patrimônio cultural e natural. Há, na sexta estrofe, um desmascarar da elite cacerense que, por muito tempo, promove o silenciamento e apagamento da comunidade quilombola Pita Canudo no município de Cáceres (MT). Nessa conjuntura, Michelle Mor e Luciene Carvalho fazem da memória um escudo de proteção contra o esquecimento e o silenciamento, conforma aponta Le Goff (1996, p. 426).

As manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Tratar de memória é trilhar uma linha tênue com o esquecimento. Nas seis primeiras estrofes, temos um eu-lírico que se manifesta pela dor coletiva enfatizada pelos substantivos “filho”, “esposa”, irmão, “criança” e “remanescentes”, porém, na sétima estrofe, ele chama para si a responsabilidade de contar a “história” e de quebrar o ciclo perpetuado pelos materiais didáticos que, até hoje, continuam a contar a história na versão do colonizador, evidenciando que esse registro se dará por meio da escrita literária.

É interessante destacar como o eu-lírico refere-se ao enfrentamento de seu povo ao fazer uso do substantivo feminino, como é possível verificar nos últimos versos da primeira, terceira

e quarta estrofes — “luta de resistência”, “expulsão”, “justiça”, “esperança” —; o único substantivo masculino utilizado é apresentado entre aspas, “grito”.

RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE: LUCIENE CARVALHO

Julho

No quintal

De onde roubaram o Taquaral
E as cercas,
Ficaram as memórias...
Meu avô plantou o tamarineiro,
Minha avó ganhou dinheiro,
Tecendo redes,
Costurando camisas,
Fazendo doce de limão.
Meu avô achava ouro
No chão de piçarra
Após a chuva.
No quintal,
A minha avó ficou viúva.
No quintal, a minha **estória**
É meu tesouro,
Meu modo de ir pra frente,
Meu frete de ir pro mundo
Meu útero mais profundo
Não dá pra dizer mais nada,
O quintal,
Bem lá no fundo
É minh'alma revelada.
(CARVALHO, 2017, grifos dos autores).

O poema “No quintal” inicia-se com a denúncia e ao mesmo tempo com a resistência estabelecida pela memória. A partir do quinto verso, fica estabelecida a relação de cultivo da terra e dependência da terra metaforizada no quintal que, para além de ser o lócus produtivo da família, também é o útero desse eu-lírico. Nota-se a relação singular do eu-lírico, da avó e do avô. Cada um deles encontravam um meio de sobrevivência nesse espaço. Os verbos na maioria das vezes são usados na primeira pessoa do singular, como

necessidade de demarcar o quanto esse quintal simbolizava para cada membro da família.

MEMÓRIA E ESPAÇO: A INTERSECÇÃO DOS POEMAS

Sobre os pontos de intersecção dos poemas “Esta faculdade aproxima a poesia à individualidade e, em contrapartida, expande-a, por dar a ver um local inserido num tempo e espaço, fragmentado pela estética (ainda em formação) pós-modernista” (FREITAS, 2016, p. 62). Nosso olhar pauta-se nesses dois elementos e em sua constituição na construção estética das duas escritoras.

No segundo verso da última estrofe do poema “Falsete”, “/ Pois em rimas, prosas e versos a **história** certa eu vou contar! / e no décimo quinto verso de “No quintal” / No quintal, /a minha **estória**/ É meu tesouro, /” (grifo dos autores), os termos em destaques já foram muito discutidos no sentido de diferenciar a estória ficcional e a história considerada em fatos; logo, entraríamos em um aspecto que não nos interessa nesse momento, até porque atualmente o termo história é usado para designar fatos e ficção. Todavia provoca-nos curiosidade, enquanto leitores, o uso de um termo em detrimento do outro pela poeta Luciene Carvalho.

Tanto em Luciene como em Michelle, é possível perceber que a temporalidade é indissociável, e Freitas (2016, p. 67), com apoio em sua leitura de Heidegger, sintetiza o jogo entre passado, presente e futuro que se entrecruzam em cada verso:

Para Heidegger (2001), a temporalidade tem caráter estático, fora de si (*ecstática*). Cabe então ao *Dasein*⁵ atinar seu passado e viver seu presente. Por uma observação autêntica do tempo, a acepção de futuro (adveniente) é ir ao encontro da morte, que o totaliza; assim, o ser-em-si-mesmo não se deixa embeber por questões mundanas, terrenas. Já o presente (apresentante) é tido como o momento em

5 Conceito heideggeriano de forma ontológica de ser humano (o si-mesmo, o haver sido de um porvir), cuja identidade é a própria história (NUNES, 1986, p. 132-133 *apud* FREITAS, 2016, p. 67, em nota de rodapé).

que se ocupa das coisas, enquanto o passado (retroviente) significa viver o que já ocorreu – estrutura sempre presente como manifestação. De modo sintético, compreende-se que, para Heidegger, temporalmente o Dasein é localizado em um passado que se mantém presente, o passado adianta-se ao futuro, e ainda o presente abarca passado e futuro.

Para além da relação temporal, podemos considerar como ponto comum entre os dois poemas a forma como se reportam à relação do ser humano com um lugar (quintal/quilombo), e a intersecção pode se dar pela inferência do quintal enquanto um recorte desse quilombo no perímetro urbano, pois o Calendário poético é pautado nos quintais do bairro do Porto em Cuiabá (MT), que, aliás, são sempre matéria da poesia de Luciene Carvalho. De acordo com Fantinati (2020, p. 105), “A capital de Mato Grosso, Cuiabá, mais especificamente o bairro do Porto se tornou expressão lírica para Luciene Carvalho”. Somam a esse olhar sobre a produção literária a partir da urbanidade cuiabana os olhares de Oliveira e Souza (2020, p. 118) ao afirmarem que:

[...] os quintais e os quitutes cuiabanos, tendo como referência a crônica “Os quintais do Porto”⁴⁰, de autoria de Dunga Rodrigues, e o calendário “Quitutes e quintais”, publicado por Luciene Carvalho, na oferta de uma coletânea de sentidos que movimentam-se, tanto na prosa, quanto na poesia, e brincam nos fundos dos quintais arborizados, com suas frutas saborosas e variadas e os flashes de registros fotográficos que não materializados, são despertados pela via da memória. As autoras exibem a abundância da fauna e da flora que ornamentavam os quintais da cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso e que contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento da cultura.

Ao voltarmos para os textos “Falsete” e “No Quintal”, percebemos em ambos a interferência em seu espaço. Ao analisarmos os verbos “destruíram” e “roubaram”, notamos que se referem ao sentimento de perda, ao mesmo tempo que designam a condição de

vulnerabilidade. Se em “Falsete” o ser humano e a terra se tornam um e são violentamente afetados; na mesma proporção, em “No quintal”, essa terra é personificada à medida que se torna útero e alma do eu-lírico e transcende a existência terrena.

Na tessitura dos dois textos, a resistência se dá/dará pelo/no próprio processo artístico, pois, conforme aponta Octavio Paz (1982, p. 26), “[...] A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade sua própria matéria”. Ao olharmos para a seleção de cada palavra que compõe cada verso, é possível perceber cada um, como dispositivo que aciona a memória ancestral de cada eu-lírico. Para Ecléa Bosi (2003, p. 16), “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade”; essa afirmativa reverbera-se nos versos das duas poetisas.

Ao lermos os poemas e relacionarmos com os percursos da memória abordados por Maurice Halbwachs (2003), em sua obra *A memória Coletiva*, vamos perceber na estética de suas produções que as poetisas, ao evocarem os elementos de sua comunidade ou grupo familiar, fazem-no como que para se manter a memória por meio das testemunhas que são evocadas nos seus versos. Conforme os versos de Michelle Mor, seja no verso ou prosa, evidencia-se que a escrita foi e será a própria resistência e existência desses; já em Luciene Carvalho, isso é demonstrado nos versos que afirmam que o quintal é o frete para o eu-lírico acessar o mundo, sendo matéria de poesia.

Outro ponto basilar nos dois textos são as várias histórias que perpassam cada verso, as recordações e as experiências que revelam uma vivência interligada com esse espaço, por exemplo, no processo de plantio e colheita suscitado no verso “/ Destruíram as plantações de banana e café/”. Nesse verso de Michelle Mor, não há apenas o lamento e a denúncia literal da destruição das plantações, mas há também a evocação do rompimento da cultura alimentar e das memórias que envolvem cada etapa, como seleção das mudas e sementes, preparo da terra, germinação e cuidado no crescimento, colheita e divisão de cada safra e todo conhecimento que era

transmitido para as gerações, pois nas comunidades tradicionais os plantios são realizados de forma coletiva. Cada etapa cultural suscitada nesse verso é possível por meio da criação poética visto que, segundo Paz (1982, p. 30),

[...] a experiência do poema se dá na história, é história e, ao mesmo tempo, nega a história. [...] O poema é mediação: graças a ele, o tempo original, pai dos tempos, encarna-se num momento. A sucessão se converte em presente puro, manancial que se alimenta a si e transmuta o homem.

A seleção e organização das palavras desencadeiam, e também acionam, no leitor sua própria história. Nesse sentido, todas as imagens afloradas pelo eu-lírico nos dois poemas coadunam com as considerações de Octavio Paz (1982, p.30) ao afirmar que “O poema é mediação: graças a ele, o tempo original, pai dos tempos, encarna-se num momento. A sucessão se converte em presente puro, manancial que se alimenta a si próprio e transmuta o homem. [...] O poeta cria imagens, poemas; o poema faz do leitor imagem, poesia”. Embora em cada poema as imagens poéticas tenham fontes que se diferem, é a interação entre a presença das ancestralidades presentes nas imagens, no tempo e no espaço que permitem, ao fazer poético, a definição da identidade do eu-lírico com base nos espaços que os definem nos versos de cada poema.

Na arte literária dessas autoras, as lembranças exploram por meio da criação imagética as emoções expressas e sentidas de um passado que, ao mesmo tempo que é individualizado, ganha amplitude coletiva por meio da memória.

[...] Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum... É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em

nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Para analisarmos os poemas nessa perspectiva, é necessário evidenciar que cada elemento engajado (avó, avô, Maria, João, filho, filha) na construção dessa memória, que é feita pelas lembranças de vários autores, seja evocado pelas poetisas, e seus feitos em cada verso se tornem nota musical de um falsete, que através do eco da memória continuem a reverberar as muitas vozes em seus poemas.

Tanto na promessa do canto constante do falsete quanto na revelação da alma, de acordo com Bachelard (1993, p. 5), “A palavra alma pode ser dita poeticamente com tal convicção que envolve todo um poema”. Se, em Luciene Carvalho, a palavra alma é materializada na escrita dos versos “/ O quintal, / Bem lá no fundo/ É minh’alma revelada. /”, no poema de Michelle Mor, a poesia é um compromisso da alma, evidenciado claramente nos versos “/E não adianta “doutor” querer me censurar e a força me calar! / Pois em rimas, prosas e versos a **história** certa eu vou contar!”.

Pela leitura dos versos acima mencionados, podemos refletir sobre a convicção da poeta Michelle Mor ao tornar o processo de escrita a sua própria liberdade. Bachelard (1993, p. 11) afirma:

Um grande verso pode ter grande influência sobre a alma de uma língua. Faz despertar imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra. Tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado da liberdade? Que encantos a imaginação poética acha em zombar das censuras! Outrora, as Artes poéticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia surge então como um fenômeno da liberdade.

É por e no verso que a escrita, pulverizada nos cliques de uma navegação nas páginas da internet ou no folhear de um livro, surge e ressurge a memória como matéria-prima para os poetas;

logo, assim como para Bachelard (1993, p. 211), nesses poemas também consideramos que “o tempo e o espaço estão aqui sob o domínio da imagem. O alhures e o outrora são mais fortes que o *hic et nunc*. O *estar-aí* é sustentado por um ser do alhures. O espaço, o grande espaço, é o amigo do ser”, embora, na sua citação à referência de Bachelard sejam deserto e oceano, é possível fazer essa mesma leitura associada ao espaço do quilombo e do quintal, provocadas imagens formuladas pela junção do tempo e do espaço nesses territórios.

Por fim, ao inscrever alguns pontos da poesia de Michelle Mor ao lado de Luciene de Carvalho, estamos inaugurando e provocando outros olhares sobre a produção das mulheres negras que participam da produção cultural da literatura de Mato Grosso. É preciso olhar para o panorama da escrita feminina e tensionar suas temáticas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danes; revisão da tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 1. ed., São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504474/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/sv58ec8>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. *Estudo Analítico do Poema*. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996. Disponível em: <https://moisesnascimentoblog.files.wordpress.com/2016/08/estudo-analitico-do-poema.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CARVALHO, Luciene. *Calendário Poético Quitutes e Quintais*. Funarte: Fundação Nacional de Artes/Ministério da Cultura, 2017.
CARVALHO, Luciene. *Na Pele*. Cuiabá/MT: Carlini & Carniato Editorial, 2020.

CASTRILON-MENDES, Olga Maria. *Matogrossismo: questionamento em percursos identitários*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2020.

CHARTIER, Roger. *Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FALSETE. In: *DICIO*. Dicionário Online de Língua Portuguesa. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/falsete/>. Acesso em: 22/05/2021.

FANTINATI, Maria Cleonice. O lirismo e a urbanidade poética de Luciene de Carvalho. In: RAMOS, Isaac (org.). *Ensaio de lírica do poema clássico ao contemporâneo*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2020.

FIABANI, Adelmir. *Mato, Palhoça e Pilão: o quilombo da escravidão as comunidades remanescentes (1532 - 2004)*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FREITAS, Olívia Barros de. Lirismo, espaço e tempo na poesia de Fernando Pinto do Amaral e Milton Torres: fronteiras indissociadas. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 15, p. 61-75, jan. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL15-Art4.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária: Introdução à Ciência da Literatura*. 6. edição portuguesa totalmente revista pela 16. ed. alemã por Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado Editor / Sucessor, 1976.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Deborah Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, Guamá, v. 2, n. 2, dez. 1999. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3125/1/Artigo_ConstrucaoHistoricaTermo.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MAHON, Eduardo. *A Literatura Contemporânea em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2021.

MENDONÇA, Rubens de. *História da Literatura Mato-Grossense*. 2. ed. Cáceres: UNEMAT, 2005. Disponível em: https://rubensdemendonca.com.br/livros/historia_da_literatura_mato-grossense.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

MOR, Michelle. Falsete. In: Blog *Michelle Mor*. [S. l.], 15 maio de 2015. Disponível em: <http://michellymor.blogspot.com/2015/05/falsete.html>. Acesso em: 21 maio 2021.

MORAES, Michelle de. Falsete. In: SILVA, Ana Paula Pinho da; RODRIGUES, Ana Rosa; CASTRO, Franciléia Paula de; SOUZA, Jocineide Catarina Maciel de; CEBALHO, Jussara; SILVA, Luara Caiana Sousa e; SILVA, Mazéh; SANTOS, Paula Mendes dos; SILVA, Sara Cristina Martins da. *Escrevivência Poética e da Cultura Alimentar das Mulheres Negras, Pantaneiras, Ribeirinhas e Quilombolas de Cáceres/MT*. [Cáceres]: [s. n.], 2021. p. 21. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1mUm5BP1J4fWsEv7fG86PTicwXD0dIsKl/view?fbclid=IwAR12f95Skw0EiQp_XrFoJMytd1zxGjV2v3zG4pZ_sEwNnOB9RsEoDu9SrCQ. Acesso em: 21 maio 2021.

OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento de; FERREIRA, Gilmar Leite. Na Pele (2020), de Luciene Carvalho: As Pulsações Poéticas de um Corpo Negro, Arteiro e Fecundo. *Revista Athena*, Cáceres, v. 19, n. 2, p. 105-120, 2020. DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p105-121. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/5237/4020>. Acesso em: 25 maio 2021.

OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento de; SOUZA, Jocineide Catarina Maciel de. Os quintais e os quitutes cuiabanos: com Dunga Rodrigues e Luciene Carvalho. In: RAMOS. Isaac Newton Almeida

et al. (org.). *Ensaio de lírica: do poema clássico ao contemporâneo*. 1. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020. v. 1, p. 11-62.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982. Disponível em: <https://moisesnascimentoblog.files.wordpress.com/2016/08/poesia-e-poema-paz-octavio.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PÓVOAS, Lenine. *História da Cultura Mato-grossense*. 2. ed. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1994.

RAMOS, Isaac Newton Almeida et al. (org.). *Ensaio de Lírica: do poema clássico ao contemporâneo*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2020. v. 1.

REIS, Michele de Moraes Plinio. *Blog Michelle Mor*. Disponível em: <http://michellymor.blogspot.com/>. [S. l.: s. n.], 2015-2018. Acesso em: 15 fev. 2022.

SILVA, Maria Cleunice Fantinati da. O Lirismo e a Urbanidade Poética de Luciene Carvalho. In: RAMOS, Isaac Newton Almeida (org.). *Ensaio de lírica: do poema clássico ao contemporâneo*. 1. edição. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020. v. 1, p. 107-121.

SOUZA, Jocineide Catarina Maciel de. *A história literária: o processo de formação da literatura mato-grossense*. 2014. 61 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Programa Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, 2014. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/JOCINEIDE-CATARINA-MACIEL-DE-SOUZA.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

WALKER, Marli. *Mulheres silenciadas e vozes esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2021.